

CORREIO BRAZILIENSE

Samy

Na quarta parte nova os campos ará.
E se mais mundo houvera, lá chegara.
CAMÕES, e, VII e 14.

Diretor-Geral
Paulo Cabral de Araújo

Diretor-Superintendente
Edilson Cid Varela

Diretor-Responsável
Ari Cunha

Editor-Geral
Ronaldo Martins Junqueira

Gerente-Geral
Alberto de Sá Filho

Gerente Financeiro
Evaristo de Oliveira

Gerente Técnico
Ari Lopes Cunha

Gerente Comercial
Mauricio Dinepi

Oportunismo e irracionalidade

As decepções do presidente Sarney com o comportamento do PMDB, principalmente após as eleições de 1986, inscrevem-se no quadro geral das frustrações sociais em relação a um partido que, chegando ao poder sob o beneplácito de profundos compromissos reformistas, não foi além de práticas políticas inspiradas nas piores tradições. Enquanto foi conveniente, a sigla atirou-se à conquista dos postos da República com uma voracidade jamais vista na experiência do regime presidencial. A disputa percorreu o corpo partidário de um extremo a outro, como se a organização fosse um monólito ideológico, arredia ao embate das idéias e posta a cultivar apenas a doutrina do interesse.

Quando o prestígio do da República se transformou em verdadeiro oxigênio para a vitalização do processo eleitoral, em face dos êxitos iniciais do Plano Cruzado, em 1986, as lideranças peemedebistas trombetaaram aos quatro ventos as excelências da Nova República e puseram nos pináculos glorificantes a figura do titular do . Assim, mediante a prática exaustiva da doutrina do interesse político, o PMDB elegeu à sombra do Planalto nada menos de 22 dos 23 governadores e quase dois terços da Assembleia Nacional Constituinte.

Esperava-se que o partido consagrado pela vontade esmagadora das urnas e em plena fruição das vantagens do poder, realizasse o papel de braço político do Governo

para a execução de um programa com a dimensão dos desafios propostos à nova ordem estabelecida no País. Todavia, na medida em que se consolidava o malogro do Plano Cruzado, o PMDB passou a evoluir sobre uma estranha linha de comportamento. No começo era a crítica velada às ações do Presidente da República, embora nenhuma liderança se dispusesse a abrir mão dos cargos oficiais. Com o declínio do período de vida deferido ao pela Constituição, as defecções se ampliaram até a magnitude de uma verdadeira diáspora. Tal dispersão foi patrocinada por um estamento de esquerda que, beneficiário dos dividendos eleitorais do Plano Cruzado e das regalias do poder, jamais se manifestou quando Sarney era a máxima da popularidade.

Tem razão o Presidente de se considerar apunhalado pelas costas, com ferocidade maior ainda foi a sociedade, pois a debilitação política do verno, na hora em que mais necessitava de uma sólida escora partidária para vencer as dificuldades, está na raiz das graves dificuldades econômicas de hoje. E, com desprezo à experiência recém-vivida, os chamados progressistas do PMDB imaginam criar um candidato capaz de encarnar o anti-Sarney e levar o povo a creditar-lhe a solidariedade do voto. Tanto contorcionismo político já não pode ser apenas um exercício de oportunismo, mas pura irracionalidade.